

PISTAS CULTURAIS PARA IDENTIFICAÇÃO LINGÜÍSTICA DOS ARARA DO RIO BRANCO

(ou Arara do Aripuanã, tb. Arara do Beiradão), Município de Aripuanã, MT

Wilmar da Rocha D'Angelis
Depto de Lingüística - UNICAMP

Os Arara em busca de sua língua

O povo Arara do Rio Branco, ou Arara do Aripuanã, habitante da T.I. Arara no Município de Aripuanã (MT), teve seus direitos territoriais garantidos somente em 1992 (a demarcação física e homologação desta, aconteceram em 1995 e 1996), portanto, há menos de 20 anos.¹

Enquanto ainda se organizavam para essa difícil luta, com apoio de agentes da Igreja Católica buscaram reunir documentação, provas e todo tipo de informação e conhecimento relativo à sua identidade indígena, sua história e seus direitos territoriais. Nesse processo, com ajuda de membros do CIMI (Conselho Indigenista Missionário), reuniram um primeiro vocabulário da língua Arara, valendo-se dos mais velhos sobreviventes.

Vitoriosos na luta pela terra, os Arara passaram a se preocupar mais com a recuperação de informações sobre particularidades culturais de seus antepassados, incluindo sua língua ancestral. Infelizmente, antes que lograssem o apoio de qualquer lingüista, perderam os principais lembradores ou *lembrantes*² da língua, em particular seu Cacique Rodrigo. Mesmo assim, em 2007, quando me procuraram (por meio da Secretaria de Educação do Estado do MT), vendo o grande interesse que os Arara colocavam nessa questão, aceitei tentar ajudá-los nisso. Fiz duas viagens a campo, mas em ambas encontrei as mesmas dificuldades: os *lembrantes* reduziam-se a três pessoas (duas mulheres e um homem), que eu já preferiria incluir em outra categoria, distinta de *informantes* e de *lembrantes*: a categoria dos *esquecentes*. De fato, sua memória da língua é muitíssimo fragmentária.

Já na primeira viagem (set. 2007), trabalhando com o vocabulário reunido com ajuda dos agentes do CIMI, identifiquei nele termos oriundos de uma língua Mondé, do tronco Tupi, seguramente enxertados no vocabulário, provavelmente por coleta inadvertida com uma pessoa de outro grupo lingüístico, morador nas mesmas terras (talvez casado com membro da comunidade Arara). Os principais motivos para descartar aqueles termos como da língua Arara, e tomá-los como intrusão, foram:

- suas características silábicas distintas da maioria das outras palavras do conjunto;
- a existência de um segundo termo indígena, não Tupi, ao lado daquele visto como cognato do Zoró ou do Gavião da Rondônia, para a mesma glosa em português;³
- casos como o do termo para *cachorro*, um elemento cultural francamente não corrente entre os Arara, segundo os mais velhos do grupo.

Excluídos os termos Tupi, busquei confirmar e corrigir os termos já recolhidos pelos agentes indigenistas (em boa parte, com problemas de transcrição, feita amadoristicamente) e fiz todos os esforços para ampliar o léxico coligido, mas com tudo isso não logramos ir muito além de uns 220 itens.

¹ Para a história da retomada da Terra Indígena Arara, consultar Catarina Lourdes Christ, *Mutirão de Solidariedade. Retomada da Terra Indígena Arara* (Campinas: Ed. Curt Nimuendajú, 2009).

² Diferente de *informantes*, os *lembrantes* não são falantes fluentes da língua (e, em muitos casos, jamais o foram), mas pessoas que têm memória de um certo léxico e algumas construções sintáticas. Creio – espero não estar enganado – que a distinção foi empregada, por primeira vez, por Aryon Rodrigues.

³ Alguns exemplos, tirados do vocabulário que havia em poder da comunidade em 2007: para *anta*, o termo (de origem Tupi-Mondé) “wucsá” ao lado de “muinhe”; para *arara*, o termo (de origem Tupi-Mondé) “awala” ao lado do termo “kurot”; etc.

Tentativas para identificar

Já realizamos, até aqui, comparação com algumas dezenas de línguas indígenas da região amazônica (especialmente do Mato Grosso, Rondônia e Amazonas), e contamos com ajuda de grandes conhecedores de línguas da região, que se dispuseram a olhar um conjunto de dados e buscar cognatos na línguas suas conhecidas.⁴ Nada disso deu resultados ainda, o que nos leva, aos poucos, a construir a hipótese do Arara do Rio Branco ser mais uma das muitas línguas isoladas na região. Mas essa não é, ainda, uma conclusão, e julgamos que não esgotamos todas as possibilidades. Por isso estamos dirigindo essa consulta a um número maior de pessoas.

Abaixo elenco algumas características culturais tradicionais dos Arara que, se não permitem identificá-los facilmente, podem ajudar a construir ou excluir hipóteses. Peço aos que tem familiaridade com as descrições etnográficas amazônicas, uma passada de olhos, para ver se algo lhes chama a atenção, e com isso, lhes permita sugerir caminhos para nossa busca. E em anexo, um arquivo *pdf* sintetiza informações lingüística mais relevantes, ou seja, aquelas que podem ser mais úteis para comparação da língua com outras línguas conhecidas. Por fim, nesse mesmo arquivo, abaixo da informação cultural, um tópico menciona outras características lingüísticas estruturais (fonológicas), para um nível mais profundo de comparação.

Os Arara não cessam de me enviar mensagens pedindo notícias. Me dispus a ajudá-los, mas preciso que me ajudem a fazer isso. Toda contribuição será creditada e divulgada.

Algo que sabemos da cultura tradicional dos Arara do Rio Branco

Uma informação, que não podemos dizer que é confirmada pelos Arara atuais, mas que vem sendo transmitida a partir de algum registro de agentes da Igreja Católica há 30 anos ou mais, é que a autodenominação dos Arara do Rio Branco seria **Iugapkatã** (ou *Yugapkatã*, conforme a grafia do CIMI). Não há qualquer tentativa de etimologia, mas a forma é compatível com as características fonológicas da língua. A informação desse nome teria por fonte o velho Rodrigo, falecido.

Sobre elementos da cultura tradicional, podemos afirmar, com a segurança do testemunho de pessoas que viveram ainda nas antigas aldeias, o que segue:

1. Os Arara eram um povo guerreiro. Seus principais inimigos eram os Cinta Larga.⁵ Os Arara usavam pintura de jenipapo para a guerra (nas festas, também urucum), assim como seus adornos de penas. Pintavam de escuro os olhos e a boca (na boca, faziam risquinhos em toda volta). Também se mencionam combates com os Rikbaktsá, e a memória oral informa a incorporação de duas mulheres daquele povo na comunidade Arara.

2. Os homens Arara perfuravam o septo nasal, onde colocavam um adorno de pena de Arara.

3. As mulheres Arara tinham o lábio inferior perfurado, onde colocavam um adorno de pena de Arara.

4. Os Arara fabricavam redes de tucum e algodão, nas quais dormiam. As redes de tucum era para ‘embalar em casa’, e as de algodão eram para acampar no mato (“é mais quentinha”).

⁴ Desde já devo agradecer especialmente aos pesquisadores Wolf Dietrich (Universität Münster), Denny Moore (Museu Goeldi), Hein van der Voort (Universidade de Nijmegen) e Marcelo Vallery Jolkesky (Unicamp). Os trabalhos iniciais de comparação contaram com a colaboração da acadêmica Larissa Lisboa de Souza, do curso de Letras Unicamp, bolsista de IC-FAPESP.

⁵ Dona Anita conta que uma das importantes aldeias antigas era no Pavorosa, que ficou na terra demarcada para os Cinta Larga.

5. Os arcos dos Arara superavam os 2 metros de altura (fotografei um arco verdadeiro ainda existente), e eram feitos de pupunha. Suas flechas eram de taboca de pacuúba. Já suas bordunas (que também possuíam), eram de pau d'arco (na verdade, o fato de usarem borduna é apontado como um diferencial deles em relação aos Cinta Larga, pelos velhos).

6. Não era costume dos Arara usar canoas e deslocar-se por água. Sempre se deslocavam por terra. (“*andavam em picada; não usava canoa*”). Isso confirma sua ocupação em ecossistemas de rios encachoeirados, de difícil navegação.

7. Os Arara sempre tiveram plantações de mandioca, milho, carás (incluindo um para fazer caissuma), bananas, batata-doce e algodão. Dizem que se plantava fumo também.

8. Consumiam frutas do mato como açaí, patauí, pama, mururé e outras.

9. Os Arara preparavam muitos tipos de bebidas fermentadas: de milho, patauí, mandioca, buriti, açaí. Em 2007 assisti o processo de ‘cozimento’ de uma bebida feita de um tubérculo (cará).

10. Os Arara possuíam instrumentos, como flauta de taboca.

11. Os Arara conheciam cerâmica, feita de uma argila misturada com caripé.⁶

12. Na alimentação dos Arara, além dos vegetais mencionados de suas lavouras (n. 7), era muito importante a carne, incluindo de macaco barrigudo, macaco prego, cuxiú, tracajá, arraia e uma variedade de peixes e pássaros.

13. Fala-se da existência, antigamente, de dois clãs entre os Arara.

14. Dona Anita mencionou que enterravam a pessoa “em casa”, e “botavam a flecha dele em pé”.

Algumas informações sobre a Fonologia do Arara do Rio Branco (MT)

Nas páginas seguintes apresento os quadros fonéticos dos sons observados nos dados que se pode reunir, iniciando pelo quadro fonético das Consoantes.

À limitação dos dados, soma-se a impossibilidade de se realizarem testes com os poucos Arara que conhecem palavras da língua, uma vez que sua condição de falantes do português há muitas décadas, a par do abandono do uso da língua (são falantes exclusivamente do Português há mais de cinco décadas pelo menos), já não permite obter-se uma pronúncia da língua sem o viés da língua majoritária. Ademais, qualquer teste teria que se reduzir a composições do minguado vocabulário coligido.

Observando o *Quadro Fonético 1 – Consoantes*, a variação observada entre [b] ~ [mb], [d] ~ [nd] e assim por diante, sugere que a série (aparentemente) “obstruinte vozeada” pode ser, na verdade, uma série soante, na qual as pré-nasalizadas variam com suas correspondentes orais em contexto determinado. De fato, as orais desacompanhadas de pré-nasalização são encontradas praticamente apenas em ambiente de vogal oral: ou em início de palavra variando com as correspondentes pré-nasalizadas, ou intervocálicas, entre duas vogais orais. Ness último contexto sempre ocorre, por ex., [b] e [d], e nunca [mb] e [nd] ou [m] e [n]. Isso parece sugerir, mais ainda, que a série nasal [m, n, ɲ, ŋ] compõe um dos conjuntos de variantes de uma mesma série soante. As únicas exceções, nos dados, que contrariam essa hipótese, são:

“matar”	[i'bɛ]
“vá embora”	[ɲgɛ]

⁶ “cortiça queimada e moída de uma licania (rosácea)” (HILBERT 1955: 35 apud Volkmer-Ribeiro & Castilho 2007).

ARARA DO RIO BRANCO (MT) - Quadro Fonético 1 : CONSOANTES

	labial	dental	alveo-pal	palatal	velar	glotal
Obstruintes						
descontínuas surdas	p (m)p	t	tʃ		k	
sonoras	b (m)b	d (n)d	dʒ (n)dʒ (n)dz		g (n)g	
contínuas surdas	f*	s	ʃ		h	(*) fofobm, kifo
sonoras						
Soantes						
nasais	m	n		ɲ	ŋ	
	bm	dn				
não-nasais	w			j		
			r l			(**) lakat, likai, lubaga > [l] apenas inicial, e o tap apenas medial

Tomar as consoantes nasais como variantes nasalizadas de uma série obstruinte sonora contradiz o que sabemos sobre universais lingüísticos.⁷ Assim sendo, a melhor hipótese parece ser a de uma série soante nasal que perde nasalidade parcial ou totalmente em contextos de vogais orais. Uma segunda hipótese pode assumir a existência de duas séries distintas, uma série soante nasal e uma série obstruinte vozeada, e tomar os contextos de vogal nasal como neutralizadores da oposição entre as duas. As pré-nasalizadas mais provavelmente seriam, nesse caso, variantes da série obstruinte (em margem de palavra ou quando precedidas de vogais nasais).

Outro caso de variantes condicionadas é o das líquidas: a lateral ocorre apenas em início de palavra, enquanto o *tap* ocorre apenas em posição medial. Com essas observações, podemos sugerir as duas mais prováveis interpretações do sistema consonantal para o Arara do Rio Branco:

Quadro Fonológico Arara do Rio Branco - Hipótese 1					Quadro Fonológico Arara do Rio Branco - Hipótese 2				
	labial	coronal anterior	coronal posterior	dorsal		labial	coronal anterior	coronal posterior	dorsal
Obstruintes					Obstruintes				
descontínuas	p	t	tʃ	k	descontínuas surdas	p	t	tʃ	k
contínuas	f	s	ʃ	x	descontínuas sonoras	b	d	dʒ	g
Soantes					contínuas	f	s	ʃ	x
descontínuas	m	n	ɲ	ŋ	Soantes				
contínuas	w	r	j		descontínuas	m	n	ɲ	ŋ
					contínuas	w	r	j	

⁷ “universal opposition of oral and nasal consonants are at the time the first paradigmatic opposition in child language and the most resistant in aphasia” (Roman Jakobson, **Child language, aphasia and phonological universals**. The Hague: Mouton, 1968:72).

Quanto às vogais, o quadro fonético é dado abaixo e, depois dele, minha hipótese sobre o sistema fonológico, assumindo a ocorrência, na língua, da oposição entre vogais orais e nasais.

ARARA DO RIO BRANCO (MT) - Quadro Fonético 2: VOGAIS

i	ĩ	i	ĩ	u	ũ
e	ẽ		ẽ	o	õ
ɛ		a	ã	ɔ	õ

Quadro Fonológico Arara do Rio Branco - Vogais

Vogais Orais

Vogais Nasais

i	ĩ	u	ĩ	ũ
e	(ɛ)	o	ẽ	õ
ɛ	a	ɔ	ã	

O padrão silábico desta língua parece ter em CCVC sua expansão e complexidade máxima, e em V a sílaba mínima. São comuns as sílabas CV e CCV.

Os onsets complexos podem ter apenas /r/ como segunda consoante. Como primeira consoante nos onsets complexos, observaram-se apenas: [br] ~[mbr], [pr] e [kr]. Conclui-se, portanto, que a primeira consoante, necessariamente, deverá ser uma descontínua. A não ocorrência de [mr], [nr] etc. parece sugerir fortemente que /m, n.../ x /b, d.../, em favor da Hipótese 2 para o sistema fonológico consonantal, apresentada acima. Já a não ocorrência de /dr/ ou /tr/ sugere que, nessa língua, é interdito o licenciamento de duas consoantes de mesmo ponto de articulação lado a lado na sílaba (que pode ser expresso, em Fonologia Autossegmental, em termos de OCP – *Obligatory Contour Principle*, idêntico ao que ocorre em grande parte das línguas Jê e Macro-Jê⁸).

Uma última coisa a observar são as possíveis variantes de pronúncia entre uma realização de seqüência de vogais idênticas separadas por um *tap* e uma realização com sílaba complexa, em termos como:

“algodão”	[bripta] ~ [biripta]
“arraia”	[wirib'dakʰ] ~ [wribdagʰ]
“coruja ou cócô”	[^m bra'kɛŋ] ~ [bara'kɛ]
“macaco cuxiú”	[bri'wə] ; [^m biri'wa]
“piranha”	[mbri'wi] ~ [wri'wi]

Como não há impedimento, em Português para as realizações com onset complexo, sugere-se que as formas dissilábicas soem mais proximamente à pronúncia dos antigos, ou a variação também se encontrava na fala deles, relacionada à seqüência de vogais iguais e à velocidade de fala e posição acentual. De todo modo, as variantes podem ser importantes para a investigação do parentesco lingüístico (por exemplo, com línguas que não admitem encontro consonantal homossilábico).

Wilmar R. D'Angelis.
Campinas, Unicamp, jan.2010

⁸ Cf. D'Angelis 1998 (**Traços de modo e modos de traçar geometrias: línguas Macro-Jê & teoria fonológica**. Campinas: IEL-Unicamp. Tese de Doutorado. Disponível em <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000127555>